https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.15742

A marca “mas” nas relações interenunciados

The marker “mas” in inter-utterance relations

Francisco Cleiton Cardoso Batista[1]
Secretaria da Educação do Estado do Ceará
Faculdade Princesa do Oeste

Maria Auxiliadora Ferreira Lima[2]
Universidade Federal do Piauí

Como citar este trabalho:
BATISTA, F. C. C.; LIMA, M. A. F. A marca “mas” nas relações interenunciados. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 210-220, 2026.

RESUMO: Este estudo investiga o funcionamento enunciativo da marca **mas** à luz da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, por meio duma abordagem de natureza operatória. Analisam-se ocorrências de **mas** em diferentes enunciados, evidenciando valores decorrentes de operações como identificação, diferenciação, retomada e ruptura. Em alguns casos, a marca não funciona como conjunção, mas como desencadeador enfático de uma retomada sob diferentes nuances. Essa abordagem dinâmica da língua desafia interpretações normativas e amplia a compreensão do papel de **mas** na construção de sentido dos enunciados.
PALAVRAS-CHAVE: Gramática Tradicional. Mas. Enunciados. Operações. TOPE

ABSTRACT: This study investigates the enunciative functioning of the marker **mas** (“but”) in light of Antoine Culioli’s Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), through an operational approach. Occurrences of **mas** in different utterances are analyzed, revealing values resulting from operations such as identification, differentiation, resumption, and rupture. In some cases, the marker does not function as a conjunction but as an emphatic trigger of resumption with different nuances. This dynamic approach to language challenges normative interpretations and broadens the understanding of the role of **mas** in the construction of meaning in utterances.
KEYWORDS: Traditional Grammar. Mas. Utterances. Operations. TOPE

1 Introdução

A Gramática Tradicional costuma classificar as conjunções de acordo com seus sentidos mais recorrentes, adotando uma visão estática de língua. No entanto, essa classificação não é suficiente para apreender as nuances que uma determinada marca conjuntiva pode assumir em diferentes enunciados. Evidentemente, essa observação não pretende invalidar a postura adotada pela gramática tradicional; buscamos, apenas, abrir espaço para uma reflexão focada no processo de construção dos papeis que uma marca conjuntiva desempenha em diferentes enunciados. Para operacionar essa reflexão,

[1] Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), doutor em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor da rede estadual de ensino (Seduc-CE) e da Faculdade Princesa do Oeste (FPO).
Contato: cleitonbatist@hotmail.com
[2] Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1984), doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997), Pós-Doutora pela Universidade Federal de Monas Gerais (2010); Professora Titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI) com atuação na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística. Contato: dora.fl@ufpi.edu.br ou dora.fl@uol.com.br

propomos uma análise da marca **mas** sob o suporte teórico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli[3]

Para a TOPE, a linguagem é uma atividade que aciona uma série de operações[4], as quais são acessíveis apenas de forma indireta por meio dos traços de operações expressos nas marcas agenciadas durante a construção dos enunciados. Dito de outro modo, o sujeito enunciador mobiliza marcas que também funcionam como traços dessas operações, resultando em enunciados que são produtos de construções de significações.

Partindo do princípio de que as marcas agenciadas pelo sujeito enunciador constituem traços de tais operações, observaremos o funcionamento da marca **mas**, identificando as operações que sustentam o seu uso em 10 (dez) enunciados extraídos de fontes diversas. Neste artigo, temos como objetivo mostrar como a marca **mas** ultrapassa os limites de uma conjunção adversativa estabelecidos pela gramática tradicional, assumindo um funcionamento dinâmico nos enunciados. Para tanto, estruturamos o texto em quatro seções, além desta introdução: inicialmente, abordamos a concepção de conjunção, mais especificamente, a conjunção **mas** em algumas gramáticas; em seguida, situamos o aporte teórico para, logo após, passarmos às análises; por fim, tecemos as considerações finais apresentando as conclusões do funcionamento do **mas** nos enunciados analisados.

2 As conjunções segundo as gramáticas tradicionais

Tradicionalmente, as conjunções são conceituadas como elementos que ligam termos de mesma função sintática (*Pedro **e** João estudam*.) ou orações dentro do mesmo período (*Pedro trabalha, **e** João estuda*.). É possível encontrar, em alguns materiais, e de maneira mais aprofundada, entendimentos de que as conjunções são elementos veiculadores de sentido e que estabelecem relações lógico-semânticas.

Vejamos a ideia de conjunção presente em três das principais gramáticas normativas e/ou descritivas disponíveis aos estudiosos da língua portuguesa, a saber, Bechara (2024), Cunha e Cintra (2025) e Rocha Lima (2017).

Na Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara, a conjunção é vista ora como *conector* (conjunção coordenada), ora como *transpositor* (conjunção subordinada). Assim se encontra: "A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*" (Bechara, 2019, p. 345, grifos do autor).

Para o autor, a *conjunção coordenada* é um *conector* que reúne unidades independentes, isto é, que pertencem ao mesmo nível sintático. Um enunciado como *Pedro fez concurso para medicina **e** Maria se prepara para a mesma profissão* pode-se desmembrar em dois enunciados: *Pedro fez concurso para medicina. Maria se prepara para a mesma profissão* – assim explica o autor.

Devido à sua função de "reunir unidades independentes, pode também 'conectar' duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro do mesmo enunciado". Assim: "*Pedro **e** Maria* (dois substantivos); *Ele **e** ela* (dois pronomes); *Ela **e** Maria* (um pronome e um substantivo); *rico **e** inteligente* (dois adjetivos)" (Bechara, 2019, p. 345).

A conjunção subordinativa, por sua vez, "é um transpositor de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de

[3] Também chamada de Teoria das Operações Enunciativas (TOE)

[4] Culioli (In Ducard, p.9, 2004) ressalta que o termo operação remete tanto a operações mentais quanto a operações metalinguísticas. Estas últimas são construídas a partir de observações e não a partir de um sistema existente

estruturação gramatical" (Bechara, 2019, p. 346). Por exemplo, no enunciado "*Soubemos **que** vai chover*", o enunciado "vai chover" perde sua característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estrutura gramatical, a função de palavra, já que "vai chover" é agora objeto direto do núcleo "soubemos".

Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Rocha Lima, encontramos que

> conjunções são palavras que relacionam entre si: a) Dois elementos de mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.); b) Duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação (Lima, 2017, p. 234).

O autor chama as conjunções do primeiro grupo *coordenativas* e as do segundo, *subordinativas*.

Percebemos que sua posição se aproxima muito da de Evanildo Bechara, ainda que este detalhe mais sua explicação.

Na Nova Gramática do Português Contemporâneo, do Celso Cunha e do Lindley Cintra, encontramos que "Conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes na mesma oração" (Cunha & Cintra, 2025, p. 593).

Para os autores, "as conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas" (ib.). Eles usam os seguintes exemplos: *a) O tempo **e** a maré não esperam por ninguém. b) Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.*

As conjunções subordinativas, por sua vez, "ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra" (ib. p. 593).

Os exemplos usados são os seguintes: *a) Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas.* (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 183). *b) Pediram-me **que** definisse o Arpoador*. (C. Drummond de Andrade, *CB*, 106).

Assim, com base nesses três autores, é possível perceber que a chamada Gramática Tradicional apresenta uma abordagem com uma visão mais fixa dos valores e das funções das conjunções.

Abaixo está um quadro comparativo das três visões.

Quadro comparativo – Concepções de conjunção segundo as gramáticas tradicionais

Autor / Obra	Conceito de Conjunção	Classificação Principal	Exemplos Fornecidos	Observações / Destaques
Evanildo Bechara/ Moderna Gramática Portuguesa (2024)	Unidade linguística que reúne orações em um mesmo enunciado. Divide-se em dois tipos: *conector* (coordenação) e *transpositor* (subordinação).	- *Coordenativas:* conectam unidades independentes (mesmo nível sintático). - *Subordinativas:* transpõem um enunciado a uma função de palavra (nível inferior).	- Pedro fez concurso para medicina **e** Maria se prepara para a mesma profissão. - Pedro **e** Maria, rico e inteligente, Soubemos **que** vai chover.	Destaca o aspecto estrutural e funcional da conjunção: conectiva ou transpositiva. Introduz o termo "transpositor" para as subordinativas.
Rocha Lima/ Gramática Normativa da Língua Portuguesa (2017)	Palavra que relaciona entre si: a) dois elementos de mesma natureza; b) duas orações de natureza diversa, em que uma completa ou determina a outra.	- *Coordenativas:* ligam termos ou orações de mesma natureza. - *Subordinativas:* ligam orações de natureza diversa.	Não apresenta exemplos diretos, mas menciona estruturas como substantivo + substantivo, oração + oração, etc.	Concepção normativa e sintática. A definição aproxima-se da de Bechara, mas com explicação menos detalhada.
Celso Cunha & Lindley Cintra/ Nova Gramática do Português Contemporâneo (2025)	Vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes na mesma oração.	- *Coordenativas:* relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical. - *Subordinativas:* ligam orações em que uma completa o sentido da outra.	- O tempo **e** a maré não esperam por ninguém. - Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro. - Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas. - Pediram-me **que** definisse o Arpoador.	Concepção concisa e funcional. Mantém a divisão tradicional entre coordenação e subordinação, exemplificando com textos literários.

3 As conjunções adversativas

Para Bechara, as conjunções adversativas "enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão"* (Bechara, 2019, p. 348, grifos do autor). O autor ainda reforça que *mas* e *porém* acentuam oposição e *senão* marca incompatibilidade.

O gramático assinala, ainda, que as conjunções *e* e *mas* apenas indicam o tipo de relação semântica, não modificam o valor sintático (Bechara, 2019).

Para Rocha Lima, as conjunções adversativas "relacionam pensamentos contrastantes" e "a conjunção por excelência é *mas*." Apesar disso, "há outras palavras com força adversativa, tais como: *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, que acentuam, não propriamente um contraste de ideias, mas uma espécie de concessão atenuada" (Lima, 2017, p. 235).

O autor exemplifica da seguinte forma: *a) Gosto de navio,* ***mas*** *prefiro avião. b) Ele falou bem;* ***todavia****, não foi como eu esperava.*

Salienta, ainda, o autor, que "ao contrário do *mas*, que se usa unicamente em começo de oração, as demais conjunções adversativas podem figurar ou no resto da oração, ou depois de um dos termos dela (Lima, 2017, p. 235). Os exemplos usados são os seguintes: *a) Gosto de navio,* ***porém*** *prefiro avião. b) Gosto de navio; prefiro,* ***porém****, avião.* O gramático chama a atenção para a diferença de pontuação.

Em Cunha e Cintra (2025, p. 594), encontramos que as conjunções adversativas "ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*." O exemplo é o seguinte: '*Apetece cantar,* ***mas*** *ninguém canta*.' (M. Torga, *CH*, 44.).

Ao falar sobre a posição das conjunções coordenativas, Cunha e Cintra salientam – semelhantemente a Rocha Lima – que "das conjunções coordenativas, apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um dos seus termos" (Cunha & Cintra, 2016, p. 595). Exemplos são os seguintes: a) *É noite,* ***mas*** *toda a noite se pesca*. (R. Brandão, *P*, 139.). b) *A igreja também era velha,* ***porém*** *não tinha o mesmo prestígio.* (C. Drummond de Andrade, CA, 200.). O enunciado poderia ser também reformulado das seguintes estruturas: *A igreja era velha; não tinha,* ***porém****, o mesmo prestígio. A igreja era velha; não tinha o mesmo prestígio,* ***porém****.*

Cunha e Cintra (2025, p. 596) observam, ainda, que "certas *conjunções coordenativas* podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados".

Segundo esses autores, a conjunção *mas* pode, além da ideia básica de oposição, de contraste, exprimir, dentre outras, as:

a) de restrição:

Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, ***mas*** *uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo.*

(M. J. de Carvalho, *PSB*, 145.)

Vai, se queres, disse-me este, ***mas*** *temporariamente.*

(Machado de Assis, OC, I, 547.)

b) de retificação:

Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. ***Mas*** *não acunhadas, isso nunca.*

(M. J. de Carvalho, *PSB*, 138.)

– O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.

– Tenho, filho, não de hoje, ***mas*** *de há muito tempo.*

(Lima Barreto, *TFPQ*, 94.)

c) de atenuação ou compensação:
Vinha um pouco transtornado, ***mas*** *dissimulava, afetando sossego e até alegria.*

(Machado de Assis, *OC*, 541.)

Uma luz bruxuleante ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.*

(M. Torga, *V*, 252)

d) de adição:
Anoitece, ***mas*** *a vida não cessa.*

(R. Brandão, *P*, 150.)

Era bela, ***mas*** *principalmente rara.*

(Machado de Assis, *OC*, I, 639)

Esses autores (Cunha e Cintra) enfatizam, ainda, que "é particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o da *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso" (Cunha & Cintra, 2025, p. 599).

Mas *continua. Não te esqueças do que estavas a contar.*

(D. Morão-Ferreira, *U*, I, 69)

O que podemos perceber, diante do exposto, é que Cunha e Cintra, Bechara e Rocha Lima se aproximam em relação à conceituação; no entanto, no que diz respeito à análise das marcas (conjunções) nos enunciados, Cunha e Cintra vão além, ao destacarem que certas conjunções coordenadas podem assumir diferentes valores significativos tendo em vista a relação que estabelecem entre as orações. Entretanto, trata-se de uma indicação de valores sem um olhar para o processo de consolidação de cada um deles nos enunciados em que ocorrem. O que não quer dizer que a classificação não tenha sua importância, porém é importante apreendermos não só como um dado valor é construído, mas também como pode ser desconstruído.

Neste artigo, sob a perspectiva da TOPE enveredamos por um outro caminho e buscamos mostrar que o valor semântico que a conjunção *mas* assume em um enunciado complexo é construído na relação semântica que se estabelece entre as predicações a partir de um conjunto de operações responsáveis pela construção do enunciado.

4 Situando o suporte teórico para a análise da marca *mas*

A TOPE concebe a linguagem como uma atividade significante do ser humano. Para Culioli, "a atividade de linguagem remete a uma atividade de produção e reconhecimento de formas" (1990, p.14), não consistindo portanto "em veicular sentidos mas em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações" (1990, p.26). Produzir e reconhecer formas implica a construção e reconstrução de significação que se dá na relação intersujeitos.

A descrição do funcionamento dessas marcas (as formas agenciadas), constitutivas dos enunciados, possui uma relação direta com a atividade de linguagem e envolve três níveis estabelecidos por Culioli: I) nível da representação (o nível do cognitivo, do afeto), II) nível linguístico (é o nível dos enunciados, das formas), III) nível

metalinguístico (o nível das representações, é o nível que se volta para a descrição dos enunciados buscando as operações que subjazem as suas construções. É o nível sobre o qual o linguista se debruça.

Assim, em Culioli (1999b, p. 9), o enunciado "é um acontecimento que, por meio do traço que o materializa, ajusta as representações de um locutor às de um interlocutor". Romero (2019, p.185) observa que essa configuração decorre do enunciado ser concebido com "uma forma empírica, material, comportando os traços de operações (inacessíveis) próprias ao trabalho linguageiro: produzi-lo ou reconhecê-lo consiste em (re)construir agenciamento de marcadores"

Esse trabalho linguageiro que envolve construção e reconstrução de agenciamento de marcadores remete a uma concepção culioliana de enunciação voltada para o processo de construção do enunciado. No plano metalinguístico, o linguista busca reconstruir as operações de linguagem subjacentes à construção do enunciado.

O enunciado não se desvincula de suas condições de produção, ou seja, de uma situação de enunciação que diz respeito, no sentido enunciativo, às condições em que o enunciado foi produzido e reconhecido pelo outro como sendo produzido em uma tal situação (Culioli, 2002, p.71). Sua organização tem como princípio basilar que nenhum termo encontra-se isolado, um termo está sempre em relação a outro termo. No caso de enunciados complexos[5], temos relações interenunciados.

Na análise proposta, analisamos a marca **mas** no âmbito das relações interenunciados e entre os termos, buscando as operações que dão sustentáculo ao seu funcionamento. Passemos, então, à operacionalização dessas análises.

5 Operacionalizando as análises

Na análise proposta, partimos da relação de orientação que se estabelece interenunciados, considerando o **mas** cono desencadeador de uma construção de conexão que se estabelece entre E_1(enunciado que antecede a marca *mas*) e E_2 (enunciado que comporta a marca *mas*)[6]. Em seguida, buscamos as operações que estão envolvidas no funcionamento do **mas** enquanto desencadeador da construção de conexão interenunciados. Essas operações são explicitadas no decorrer das análises.

Essa relação que se estabelece entre os termos nos remete ao conceito de *repérage* que representa uma operação basilar. Trata-se de uma operação que caracteriza o estabelecimento de uma relação entre um *repéré,* o termo localizado em relação a um *repère*, um elemento localizador, ou seja, o termo que serve de ponto de referência para a relação de orientação que se estabelece. Em um enunciado complexo como *Gosto de ler mas leio pouco*, temos "*mas leio pouco"* como *repéré e "gosto de ler"* como *repère*.

(1) Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. (Mateus 6, 13 – Bíblia Sagrada).

Em (1), a marca *mas* de natureza relacional não estabelece nem explicita a relação de adversidade ou restrição – como sugerem as gramáticas tradicionais –, já que "livrar do mal" não faz oposição nem restrição a "não deixar cair em tentação", pois ambos fazem parte do desejo do locutor, expresso em uma sequência de pedidos que se interseccionam. Temos um enunciado complexo constituído de duas relações predicativas

[5] Em consonância com a perspectiva teórica da TOPE, o enunciado complexo envolve relações interpredicativas

[6] Culioli (1990, -. 170) em uma análise da marca *donc* considera que há conexão se a relação entre e_o e e_1 é necessariamente um dos caminhos possíveis entre e_o e e_1,

(*Não me deixeis cair em tentação/Livrai-nos do mal*) que expressam uma modalidade injuntiva através dos verbos deixar e livrar no imperativo. Temos, em um contexto religioso, uma relação intersubjetiva em que **A**, considerando o princípio religioso de que todos seres humanos são filhos de Deus, pede a **B** (Deus) que não deixe seus filhos cair em tentação e livre-os do mal (*Não nos deixais cair em tentação, mas livrai-nos do mal*). A marca **mas** atua como um desencadeador de uma relação de consequência na interrelação que se estabelece entre as duas predicações. *Não cair em tentação* tem como consequência o livramento, o distanciamento do mal, do negativo. A marca **mas** é o elemento desencadeador de uma relação de consequência entre E_2 (Mas livrai-nos do mal) e E_1 *(não nos deixei cair em tentação*). Essa relação de consequência é desconstruída com a eliminação da marca **não** em (1.2):

(1.2) Nos deixeis cair em tentação **mas** livrai-nos do mal

A ausência do *não* valida o pedido de permissão para cair em tentação, **A** pede permissão para cair em tentação sem que sofra nenhum mal. Nesse caso, **mas** desencadeia uma orientação contrária, considerando que no âmbito religioso cair em tentação implica a aproximação com o mal.

Temos também essa relação de consequência desconstruída se substituirmos, por exemplo, ***mas*** por *além disso*, *além de*, *mas também,* como ocorre em 1.2, 1.3 e 1.4 e 1.5

(1.2) *Não nos deixeis cair em tentação,* ***além disso****,* livrai-nos do mal
(1.3) Não nos deixeis cair em *tentação,* ***além de*** *nos* livrar do mal.
(1.4) **N**ão nos deixeis cair em *tentação,* ***mas também*** livrai-nos do mal

Nesses exemplos, as marcas *e, além disso*, *além de*, *mas também* estabelecem uma sequenciação de pedidos. Em (1.3), essa sequência ocorre em uma ordem inversa o que permite E_2 mudar de posição *(Além do nos livrar do mal*, não nos deixei cair em tentação). Em (1.2), não é possível alterar a ordem de E_2 (* <u>além disso</u>, livrai-nos do mal, não nos deixeis cair em tentação) em razão da marca operatória de retomada *disso;* em (1.4) indica a inclusão de mais um pedido o que não permite que E_2 ocorra em posição inicial (**mas também livrai-nos do mal,* não nos deixeis cair em *tentação*). Nesses exemplos, essas marcas direcionam para a inclusão de mais um pedido, além do pedido anterior.

(1) Pois desci do céu não para fazer a minha vontade, **mas** a vontade daquele que me enviou (João 6, 38 – Bíblia Sagrada).

Em (2), a marca *mas* desencadeia uma orientação contrária frente ao propósito da vinda de X . Temos a não validação de um propósito por meio de uma asserção negativa (*não para fazer a minha vontade*) e a validação de outro ((para) *fazer a vontade de meu pai*) que se encontra no interior do propósito da vinda de X. As duas ocorrências de vontade diferenciam-se em termos de localização, de ponto de origem. Em *a minha vontade,* há uma vontade localizada em relação a X, (Eu); em *a vontade daquele que me enviou,* há uma vontade localizada em relação a Y (o outro, aquele que me enviou). Temos, assim, uma operação de diferenciação decorrente da origem distinta das duas ocorrências de *vontade*. Essa orientação contrária que a marca **mas** desencadeia conduz a uma sobreposição de vontade, passando de uma vontade não validada a uma vontade validada.

3 Era uma vez...
– Um rei! Logo dirão meus pequenos leitores.
– Não, crianças, errara
. Era uma vez um pedaço de madeira.
Não uma madeira de luxo, **mas** um simples pedaço de lenha, daqueles que no inverno colocamos nas estufas e lareiras para acender o fogo e aquecer os cômodos. (Carlos Collodi)

Em (3) "Não uma madeira de luxo, **mas** um simples pedaço de lenha", tanto "madeira de luxo" quanto um simples pedaço de lenha são localizados em relação a "Era um pedaço de madeira". O **mas** coloca em relação duas propriedades de madeiras, atuando como o desencadeador da propriedade que caracteriza o pedaço de madeira instanciado no enunciado. A asserção negativa em "Não era uma madeira de luxo" tira de X (pedaço de madeira) a propriedade de ser uma madeira de luxo (*não (era) uma madeira de luxo*), não validando X como madeira de luxo. Na asserção afirmativa "mas(era) um pedaço de lenha", ocorre a validação da qualificação de X como pedaço de lenha. A conjunção **mas** coloca em relação a não validação da qualificação de X (como madeira de luxo) e a validação de sua qualificação, como "pedaço de lenha", desencadeando uma operação de diferenciação que estabiliza madeira enquanto pedaço de lenha e não enquanto madeira de luxo. Há uma alteridade de natureza qualitativa em relação a "pedaço de madeira".

(4) Não sei como aconteceu, fato é que um belo dia esse pedaço de madeira apareceu na oficina de um velho carpinteiro chamado mestre Antonio, **mas** que todos chamavam de mestre Cereja, por causa da ponta de seu nariz, que era sempre lustrosa e roxa como uma cereja madura. (Carlo Collod)

Em (4), a ocorrência de **mas** direciona de forma enfática para uma relação de identificação entre dois termos T_1 e T_2, ou seja, entre o termo subsequente "mestre Cereja" que se encontra em E_2 e o termo anterior mestre Antonio que se encontra em E_1. Do ponto de vista referencial "mestre Antonio e mestre Cereja" remetem para o mesmo indivíduo. Consideramos que **mas** conduz, ou melhor, sinaliza de forma enfática para uma relação de identificação, pois o responsável pela marca da operação de identificação é o pronome relativo que (apareceu na oficina de um velho carpinteiro chamado mestre Antonio, mas que todos chamavam de mestre Cereja), remetendo para o antecedente mestre Antônio. Um outro aspecto a considerar diz respeito à possível eliminação do **mas** sem alterar a relação de identificação estabelecida como podemos verificar em (4.1). Sem a presença do **mas**, perde-se a força de um direcionamento para uma relação de identificação.

(4.1) Não sei como aconteceu, fato é que um belo dia esse pedaço de madeira apareceu na oficina de um velho carpinteiro chamado mestre Antonio, que todos chamavam de mestre Cereja, por causa da ponta de seu nariz, que era sempre lustrosa e roxa como uma cereja madura.

Por outro lado, se eliminarmos o pronome relativo que, a marca **mas** desencadeia uma orientação contrária que se manifesta por meio de uma operação de diferenciação quanto à maneira de X (o velho carpinteiro) ser chamado, ou seja, tinha o nome de Antonio mas era chamado de mestre Cereja. Vejamos:

(4.2) Não sei como aconteceu, fato é que um belo dia esse pedaço de madeira apareceu na oficina de um velho carpinteiro chamado mestre Antonio, **mas**

todos o chamavam de mestre Cereja, por causa da ponta de seu nariz, que era sempre lustrosa e roxa como uma cereja madura.

(5) Dito e feito, pegou logo o machado afiado para começar a descascar e desbastar a madeira; **mas** quando ia dar a primeira machadada, ficou com o braço suspenso no ar, pois ouviu uma vozinha bem suave que dizia, pedindo:

Em (5), o ***mas,*** em articulação com *quando,* desencadeia uma orientação para uma ruptura de uma ação prestes a acontecer (*mas quando ia dar a primeira machadada, ficou com o braço suspenso no ar*), ou seja, sinaliza que o percurso de uma ação expresso na relação predicativa foi interrompido. A marca aspectual em "ficou", articulada a "com o braço suspenso no ar", consolida a ruptura. Se retirarmos o **mas** essa sinalização para a ruptura de uma ação na iminência de ocorrer desaparece, mas não sua ruptura, que ocorre no enunciado subsequente.

(5,1) Dito e feito, pegou logo o machado afiado para começar a descascar e desbastar a madeira; quando ia dar a primeira machadada, ficou com o braço suspenso no ar (...)

(6) Assim que recobrou a palavra, começou a dizer, tremendo e balbuciando de susto:
– **Mas** de onde terá saído essa vozinha que disse ai?

Em (6), a marca ***mas*** sinaliza de forma enfática para um acontecimento anterior (uma vozinha que disse ai) assustando X, expresso em outra situação de enunciação, ao mesmo tempo em que introduz uma indagação referente à origem da vozinha.

(7) Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; **mas** fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte" (M. de Assis, *MdG*. 1.)

Em (7) a ocorrência do *mas coloca em relação duas orientações contrários por meio de uma relação de alteridade marcando duas relações distintas de orientação*. Em *E1 X já deveria estar em um lugar Y(* Eu já devia estar em Mangaratiba) *e em E2 X permanece no lugar Z (***mas** fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte

(8) Eu gosto muito de romances, **mas** leio pouco, por falta de tempo. (M. de Assis, *MdG*. 3.)

No enunciado (8), o ***mas*** é o desencadeador de uma operação de diferenciação. Marca uma quebra de expectativa que se inicia em E_1 e não se mantem em E_2 -- X gosta muito de romance, espera-se que X leia muito, o que não acontece. Há uma alteridade de natureza quantitativa em relação à extensão do gostar de romance (gosto muito de romance) e à extensão da prática do ato de leitura (*leio pouco*) Os intensificadores *muito* e *pouco* localizados respectivamente em relação a *gosto* e *leio* marcam essa relação de alteridade.

8 Assim que recobrou a palavra, começou a dizer, tremendo e balbuciando de susto:
– **Mas** de onde terá saído essa vozinha que disse ai?

9— **Mas**, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãe de Conceição.
— Leio, D. Inácia. (M. de Assis, *MdG*. 2.)

Nos exemplos (8) e (9) marca **mas** não estabelece uma relação interenunciados. O **mas** orienta para uma retomada de natureza enfática, de um acontecimento situado no texto, tendo na interrogação a busca da validação ou não de um aspecto relativo a esse acontecimento. Em 8, "essa vozinha que disse ai" constitui traço de um pré-construído "uma vozinha disse ai", situado anteriormente Há uma lacuna entre a existência da voz e sua origem no espaço enunciativo (*Mas de onde veio essa vozinha que disse ai?)*. A interrogação busca preencher essa lacuna, o que não ocorre por ausência de validação da relação predicativa.

Em (9) o **mas** orienta também para a retomada de natureza enfática de um acontecimento X *(ter tempo disponível)* em um enunciado interrogativo que busca validar o fato mencionado anteriormente que é X ter um tempo livre (Que fará você todo esse tempo?) Em uma outra situação de enunciação, por meio de uma asserção afirmativa, há a validação do preenchimento da lacuna referente ao tempo. A marca aspectual em *leio* elimina essa lacuna

10. — Eu, não. Perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. **Mas** também estou ficando velha. (M. de Assis, *MdG*. 2.)

Assim como em (8) e (9), a ocorrência de ***mas*** não estabelece uma relação entre E_1 e E_2. Articulado à marca *também* (mas também) é o desencadeador de natureza enfática de uma justificativa para uma situação X - *ficar sem condições quando passa por uma dada situação – perder uma noite de sono*. O sujeito enunciador faz uso da marca aspectual "ficando" articulada a ocorrência adjetival *velha*, expressando o processo de envelhecimento como justificativa para X não reagir bem a perda de uma noite de sono.

6 Considerações finais

De acordo com as análises realizadas, situamos as ocorrências do **mas** em dois espaços enunciativos. No primeiro espaço, sua ocorrência consolida o estabelecimento de uma relação entre E_1 e E_2, estabilizando-se como o elemento que desencadeia uma orientação de E_2 em relação a E_1. Nesse espaço enunciativo a marca mas desencadeou 2 tipos de orientação: uma de consequência e uma outra de orientação contrária sob configurações operatórias distintas, responsáveis pelas nuances do funcionamento do mas como desencadeador de uma orientação contrária

No segundo espaço enunciativo, a marca **mas** não se situou no âmbito da relação interenunciados (E_1 e E_2). Nesse espaço, caracteriza-se por assumir um funcionamento de natureza enfática sinalizando para a retomada de um fato situado no texto, para uma identificação ou para uma justificativa.

Para concluirmos, ressaltamos que uma análise sob o viés teórico da TOPE nos remete à plasticidade da linguagem, que permite, por exemplo, que o **mas** (ou qualquer outra marca gramatical/lexical) assuma diferentes sentidos ou valores, só possíveis no processo de construção dos enunciados.

REFERÊNCIAS

BECHARA. Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, Antoine. **Variations sur la linguistique**: entretiens avec Frédéric Fau. Paris: Klincksieck, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DE VOGÜE, Sarah de. **Culioli após Benveniste**: enunciação, linguagem, interação. *In*: DE VOGÜE, Sarah ; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. Tradução: Márcia Romero, Millene Biassotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011. p. 57-85.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al*. **Dicionário de linguística e enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANCKEL, Jean-Jacques. **Referência, referenciação e valores referenciais**. *In*: VOGÜE, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. Tradução: Márcia Romero, Millene Biassotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31-55.

LA MANTIA, Francesco. **Pour se faire langage**: lexique élémentaire de la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives d'Antoine Culioli. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattan, 2020.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 53. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

PAILLARD, Denis. **Marcadores discursivos e cena enunciativa**. *In*: VOGÜE, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. Tradução: Márcia Romero, Millene Biassotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011. p. 161-185.

ROMERO, Márcia. Teoria das Operações Enunciativas. *In*: ROMERO, Márcia *et al*. **Manual de linguística**: Semântica, Pragmática e Enunciação. Petrópolis: eVozes, 2019. cap. 4, p. 176-225.

ROMERO, Márcia; FLORES, Valdir do Nascimento. **Entrevista com Denis Paillard**. **Linguagem**, São Carlos, v. 27, n. 1, 2016.